



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Machado de Assis
Não consulte médico



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Não consultes médico

Machado de Assis

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1896.

Livro Digital nº 889 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim Maria Machado de Assis

(1839 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

NÃO CONSULTE MÉDICO



PERSONAGENS:

D. LEOCÁDIA

D. CARLOTA

D. ADELAIDE

CAVALCANTE

MAGALHÃES

Um gabinete em casa de Magalhães, na Tijuca.

CENA I

Magalhães, D. Adelaide.

(Magalhães lê um livro. D. Adelaide folheia um livro de gravuras)

MAGALHÃES

Esta gente não terá vindo?

D. ADELAIDE

Parece que não. Já saíram há um bom pedaço; felizmente o dia está fresco. Titia estava tão contente ao almoço! E ontem? Você viu que risadas que ela dava, ao jantar, ouvindo o Dr. Cavalcante? E o Cavalcante sério. Meu Deus, que homem triste! que cara de defunto!

MAGALHÃES

Coitado do Cavalcante! Mas que quererá ela comigo? Falou-me em um obséquio.

D. ADELAIDE

Sei o que é.

MAGALHÃES

Que é?

D. ADELAIDE

Por ora é segredo. Titia quer que levemos Carlota conosco.

MAGALHÃES

Para a Grécia?

D. ADELAIDE

Sim, para a Grécia.

MAGALHÃES

Talvez ela pense que a Grécia é em Paris. Eu aceitei a legação de Atenas porque não me dava bem em Guatemala e não há outra vaga na América. Nem é só por isso; você tem vontade de ir acabar a lua de mel na Europa... Mas então Carlota vai ficar conosco?

D. ADELAIDE

É só algum tempo. Carlota gostava muito de um tal Rodrigues, capitão de engenharia, que casou com uma viúva espanhola. Sofreu muito, e ainda agora anda meia triste; titia diz que há de curá-la.

MAGALHÃES (*rindo*)

É a mania dela.

D. ADELAIDE (*rindo*)

Só cura moléstias morais.

MAGALHÃES

A verdade é que nos curou; mas, por muito que lhe paguemos em gratidão, fala-nos sempre da nossa antiga moléstia. "Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados?"

D. ADELAIDE

Pois falemos-lhe nós da cura, para lhe dar gosto. Agora quer curar a filha.

MAGALHÃES

Do mesmo modo?

D. ADELAIDE

Por ora não. Quer mandá-la à Grécia para que ela esqueça o capitão de engenharia.

MAGALHÃES

Mas, em qualquer parte se esquece um capitão de engenharia.

D. ADELAIDE

Titia pensa que a visita das ruínas e dos costumes diferentes cura mais depressa. Carlota está com dezoito para dezenove anos; titia não a quer casar antes dos vinte. Desconfio que já traz um noivo em mente, um moço que não é feio, mas tem o olhar espantado.

MAGALHÃES

É um desarranjo para nós; mas, enfim, pode ser que lhe achemos lá na Grécia algum descendente de Alcibíades que a preserve do olhar espantado.

D. ADELAIDE

Ouçó passos. Há de ser titia...

MAGALHÃES

Justamente! Continuemos a estudar a Grécia.

(Sentam-se outra vez, Magalhães lendo, D. Adelaide folheando o livro de vistas).

CENA II

Os mesmos e D. Leocádia.

D. LEOCÁDIA *(para à porta, desce pé ante pé, e mete a cabeça entre os dois)*

Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados?

MAGALHÃES (*à parte*)

É isto todos os dias.

D. LEOCÁDIA

Agora estudam a Grécia; fazem muito bem. O país do casamento é que vocês não precisaram estudar.

D. ADELAIDE

A senhora foi a nossa geografia, foi quem nos deu as primeiras lições.

D. LEOCÁDIA

Não diga lições, diga remédios. Eu sou doutora, eu sou médica. Este (*indicando Magalhães*), quando voltou de Guatemala, tinha um ar esquisito; perguntei-lhe se queria ser deputado, disse-me que não; observei-lhe o nariz, e vi que era um triste nariz solitário...

MAGALHÃES

Já me disse isto cem vezes.

D. LEOCÁDIA (*voltando-se para ele e continuando*)

Esta (*designando Adelaide*) andava hipocondríaca. O médico da casa receitava pílulas, cápsulas, uma porção de tolices que ela não tomava porque eu não deixava; o médico devia ser eu.

D. ADELAIDE

Foi uma felicidade. Que é que se ganha em engolir pílulas?

D. LEOCÁDIA

Apanham-se moléstias.

D. ADELAIDE

Uma tarde, fitando eu os olhos de Magalhães...

D. LEOCÁDIA
Perdão, o nariz.

D. ADELAIDE
Vá lá. A senhora disse-me que ele tinha o nariz bonito, mas muito solitário. Não entendi; dois dias depois, perguntou-me se queria casar, eu não sei que disse, e acabei casando.

D. LEOCÁDIA
Não é verdade que estão curados?

MAGALHÃES
Perfeitamente.

D. LEOCÁDIA
A propósito, como irá o Dr. Cavalcante? Que esquisitão! Disse-me ontem que a coisa mais alegre do mundo era um cemitério. Perguntei-lhe se gostava aqui da Tijuca, respondeu-me que sim, e que o Rio de Janeiro era uma grande cidade. "É a segunda vez que a vejo, disse ele; eu sou do Norte. É uma grande cidade, José Bonifácio é um grande homem, a rua do Ouvidor um poema, o chafariz da Carioca um belo chafariz, o Corcovado, o gigante de pedra, Gonçalves Dias, os *Timbiras*, o Maranhão..." Embrulhava tudo a tal ponto que me fez rir. Ele é doido?

MAGALHÃES
Não.

D. LEOCÁDIA
A princípio, cuidei que era. Mas o melhor foi quando se serviu o peru. Perguntei-lhe que tal achava o peru. Ficou pálido, deixou cair o garfo, fechou os olhos e não me respondeu. Eu ia chamar a atenção de vocês, quando ele abriu os olhos e disse com voz surda: "D. Leocádia, eu não conheço o Peru..." Eu, espantada, perguntei: "Pois não está comendo?..." "Não falo desta pobre ave; falo-lhe da república".

MAGALHÃES
Pois conhece a república.

D. LEOCÁDIA
Então mentiu.

MAGALHÃES
Não, porque nunca lá foi.

D. LEOCÁDIA (*a D. Adelaide*)
Mau! seu marido parece que também está virando o juízo. (*A Magalhães*) Conhece então o Peru, como vocês estão conhecendo a Grécia... pelos livros.

MAGALHÃES
Também não.

D. LEOCÁDIA
Pelos homens?.

MAGALHÃES
Não, senhora.

D. LEOCÁDIA
Então pelas mulheres?

MAGALHÃES
Nem pelas mulheres.

D. LEOCÁDIA
Por uma mulher?

MAGALHÃES
Por uma mocinha, filha do ministro do Peru em Guatemala. Já contei a história à Adelaide.

(*D. Adelaide senta-se folheando o livro de gravuras*).

D. LEOCÁDIA (*senta-se*)
Ouçamos a história. É curta?

MAGALHÃES

Quatro palavras. Cavalcante estava em comissão do nosso governo e frequentava o corpo diplomático, onde era muito bem visto. Realmente, não se podia achar criatura mais dada, mais expansiva, mais estimável. Um dia começou a gostar da peruana. A peruana era bela e alta, com uns olhos admiráveis. Cavalcante, dentro de pouco, estava doido por ela, não pensava em mais nada, não falava de outra pessoa. Quando a via ficava estático. Se ela gostava dele, não sei; é certo que o animava e já se falava em casamento. Puro engano! Dolores voltou para o Peru, onde casou com um primo, segundo me escreveu o pai.

D. LEOCÁDIA
Ele ficou desconsolado, naturalmente.

MAGALHÃES

Ah! não me fale! Quis matar-se; pude impedir esse ato de desespero, e o desespero desfez-se em lágrimas. Caiu doente, uma febre que quase o levou. Pediu dispensa da comissão, e, como eu tinha obtido seis meses de licença, voltamos juntos. Não imagina o abatimento em que ficou, a tristeza profunda; chegou a ter as ideias baralhadas. Ainda agora, diz alguns disparates, mas emenda-se logo e ri de si mesmo.

D. LEOCÁDIA
Quer que lhe diga? Já ontem suspeitei que era negócio de amores; achei-lhe um riso amargo... Terá bom coração?

MAGALHÃES
Coração de ouro.

D. LEOCÁDIA
Espírito elevado?

MAGALHÃES

Sim, senhora.

D. LEOCÁDIA

Espírito elevado, coração de ouro, saudades... Está entendido.

MAGALHÃES

Entendido o quê?

D. LEOCÁDIA

Vou curar o seu amigo Cavalcante. De que é que vocês se espantam?

D. ADELAIDE

De nada.

MAGALHÃES

De nada, mas...

D. LEOCÁDIA

Mas quê?

MAGALHÃES

Parece-me...

D. LEOCÁDIA

Não parece nada; vocês são uns ingratos. Pois se confessam que eu curei o nariz de um e a hipocondria do outro, como é que põem em dúvida que eu possa curar a maluquice do Cavalcante? Vou curá-lo. Ele virá hoje?

D. ADELAIDE

Não vem todos os dias; às vezes passa-se uma semana.

MAGALHÃES

Mora perto daqui; vou escrever-lhe que venha e, quando chegar, dir-lhe-ei que a senhora é o maior médico do século; cura o moral...

Mas, minha tia, devo avisá-la de uma coisa: não lhe fale em casamento.

D. LEOCÁDIA

Oh! não!

MAGALHÃES

Fica furioso quando lhe falam em casamento; responde que só se há de casar com a morte... A senhora exponha-lhe...

D. LEOCÁDIA

Ora, meu sobrinho, vá ensinar o padre-nosso ao vigário. Eu sei o que ele precisa, mas quero estudar primeiro o doente e a doença. Já volto.

MAGALHÃES

Não lhe diga que eu é que lhe contei o caso da peruana...

D. LEOCÁDIA

Pois se eu mesma adivinhei que ele sofria do coração. (*Sai; entra Carlota*).

CENA III

Magalhães, D. Adelaide, D. Carlota.

D. ADELAIDE

Bravo! está mais corada agora!

D. CARLOTA

Foi do passeio.

D. ADELAIDE

De que é que você gosta mais, da Tijuca ou da cidade?

D. CARLOTA

Eu por mim, ficava metida aqui na Tijuca.

MAGALHÃES

Não creio. Sem bailes? sem teatro lírico?

D. CARLOTA

Os bailes cansam, e não temos agora teatro lírico.

MAGALHÃES

Mas, em suma, aqui ou na cidade, o que é preciso é que você ria; esse ar tristonho faz-lhe a cara feia.

D. CARLOTA

Mas eu rio. Ainda agora não pude deixar de rir, vendo o Dr. Cavalcante.

MAGALHÃES

Por quê?

D. CARLOTA

Ele passava ao longe, a cavalo, tão distraído que levava a cabeça caída entre as orelhas do animal; ri da posição, mas lembrei-me que podia cair e ferir-se, e estremeci toda.

MAGALHÃES

Mas não caiu?

D. CARLOTA

Não.

D. ADELAIDE

Titia viu também?

D. CARLOTA

Mamãe ia-me falando da Grécia, do céu da Grécia, dos monumentos da Grécia, do rei da Grécia; toda ela é Grécia, fala como se tivesse estado na Grécia.

D. ADELAIDE

Você quer ir conosco para lá?

D. CARLOTA

Mamãe não há de querer.

D. ADELAIDE

Talvez queira. (*Mostrando-lhe as gravuras do livro*). Olhe que bonitas vistas! Isto são ruínas. Aqui está uma cena de costumes. Olhe esta rapariga com um pote...

MAGALHÃES (*à janela*)

Cavalcante aí vem.

D. CARLOTA

Não quero vê-lo.

D. ADELAIDE

Por quê?

D. CARLOTA

Agora que passou o medo, posso rir-me lembrando a figura que ele fazia.

D. ADELAIDE

Eu também vou.

(*Saem as duas; Cavalcante aparece à porta. Magalhães deixa a janela*).

CENA IV

Cavalcante, Magalhães.

MAGALHÃES

Entra. Como passaste a noite?

CAVALCANTE

Bem. Dei um belo passeio; fui até ao Vaticano e vi o papa. (*Magalhães olha espantado*). Não te assustes, não estou doido. Eis o que foi: o meu cavalo ia para um lado e o meu espírito para outro. Eu pensava em fazer-me frade; então todas as minhas ideias vestiram-se de burel, e entrei a ver sobrepelizes e tochas; enfim, cheguei a Roma, apresentei-me à porta do Vaticano e pedi para ver o papa. No momento em que Sua Santidade apareceu, prosternei-me, depois estremei; despertei e vi que o meu corpo seguira atrás do sonho, e que eu ia quase caindo.

MAGALHÃES

Foi então que a nossa prima Carlota deu contigo ao longe.

CAVALCANTE

Também eu a vi, e de vexado piquei o cavalo.

MAGALHÃES

Mas, então ainda não perdeste essa ideia de ser frade?

CAVALCANTE

Não.

MAGALHÃES

Que paixão romanesca!

CAVALCANTE

Não, Magalhães; reconheço agora o que vale o mundo com as suas perfídias e tempestades. Quero achar um abrigo contra elas; esse abrigo é o claustro. Não sairei nunca da minha cela e buscarei esquecer diante do altar...

MAGALHÃES

Olha que vais cair do cavalo!

CAVALCANTE

Não te rias, meu amigo!

MAGALHÃES

Não; quero só acordar-te. Realmente, estás ficando maluco. Não penses mais em semelhante moça. Há no mundo milhares e milhares de moças iguais à bela Dolores.

CAVALCANTE

Milhares e milhares? Mais uma razão para que eu me esconda em um convento. Mas é engano: há só uma, e basta.

MAGALHÃES

Bem; não há remédio senão entregar-te à minha tia.

CAVALCANTE

À tua tia?

MAGALHÃES

Minha tia crê que tu deves padecer de alguma doença moral — e adivinhou — e fala de curar-te. Não sei se sabes que ela vive na persuasão de que cura todas as enfermidades morais.

CAVALCANTE

Oh! eu sou incurável!

MAGALHÃES

Por isso mesmo deves sujeitar-te aos seus remédios. Se te não curar, dar-te-ia alguma distração, e é o que eu quero. (*Abre a charuteira que está vazia*). Olha, espera aqui, lê algum livro; eu vou buscar charutos. (*Sai; Cavalcante pega num livro e senta-se*).

CENA V

Cavalcante, D. Carlota, aparecendo ao fundo.

D. CARLOTA

Primo... (*Vendo Cavalcante*) Ah! perdão!

CAVALCANTE (*erguendo-se*)

Perdão de que!

D. CARLOTA

Cuidei que meu primo estava aqui; vim buscar um livro de gravuras de prima Adelaide; está aqui...

CAVALCANTE

A senhora viu-me passar a cavalo, há uma hora, numa posição incômoda e inexplicável.

D. CARLOTA

Perdão, mas...

CAVALCANTE

Quero dizer que eu levava na cabeça uma ideia séria, um negócio grave.

D. CARLOTA

Creio.

CAVALCANTE

Deus queira que nunca possa entender o que era! Basta crer. Foi a distração que me deu aquela postura inexplicável. Na minha família quase todos são distraídos. Um dos meus tios morreu na guerra do Paraguai por causa de uma distração; era capitão de engenharia.

D. CARLOTA (*perturbada*)

Oh! não me fale!

CAVALCANTE

Por quê? Não pode tê-lo conhecido.

D. CARLOTA

Não, senhor; desculpe-me, sou um pouco tonta. Vou levar o livro à minha prima.

CAVALCANTE

Peço-lhe perdão, mas...

D. CARLOTA

Passe bem. (*Vai à porta*).

CAVALCANTE

Mas, eu desejava saber...

D. CARLOTA

Não, não, perdoe-me. (*Sai*).

CENA VI

CAVALCANTE (*só*)

Não compreendo: não sei se a ofendi. Falei no tio João Pedro, que morreu no Paraguai, antes dela nascer...

CENA VII

Cavalcante, D. Leocádia.

D. LEOCÁDIA (*ao fundo, à parte*)

Está pensando (*Desce*). Bom dia, Dr. Cavalcante!

CAVALCANTE

Como passou, minha senhora?

D. LEOCÁDIA

Bem, obrigada. Então meu sobrinho deixou-o aqui só?

CAVALCANTE

Foi buscar charutos, já volta.

D. LEOCÁDIA

Os senhores são muito amigos.

CAVALCANTE Somos como dois irmãos.

D. LEOCÁDIA

Magalhães é um coração de ouro e o senhor parece-me outro. Acho-lhe só um defeito, doutor... Desculpe-me esta franqueza de velha; acho que o senhor fala trocado.

CAVALCANTE

Disse-lhe ontem algumas tolices, não?

D. LEOCÁDIA

Tolices, é muito; umas palavras sem sentido.

CAVALCANTE

Sem sentido, insensatas, vem a dar no mesmo.

D. LEOCÁDIA (*pegando-lhe nas mãos*)

Olhe bem para mim. (*Pausa*). Suspire. (*Cavalcante suspira*). O senhor está doente: não negue que está doente — moralmente, entenda-se; não negue! (*Solta-lhe as mãos*).

CAVALCANTE

Negar seria mentir. Sim, minha senhora, confesso que tive um grandíssimo desgosto

D. LEOCÁDIA

Jogo de praça?

CAVALCANTE

Não, senhora.

D. LEOCÁDIA

Ambições políticas malogradas?

CAVALCANTE

Não conheço política.

D. LEOCÁDIA

Algum livro mal recebido pela imprensa?

CAVALCANTE

Só escrevo cartas particulares.

D. LEOCÁDIA

Não atino. Diga francamente; eu sou médico de enfermidades morais e posso curá-lo. Ao médico diz-se tudo. Ande, fale, conte-me tudo, tudo, tudo. Não se trata de amores?...

CAVALCANTE (*suspirando*)

Trata-se justamente de amores.

D. LEOCÁDIA

Paixão grande?

CAVALCANTE

Oh! imensa!

D. LEOCÁDIA

Não quero saber o nome da pessoa, não é preciso. Naturalmente bonita?

CAVALCANTE

Como um anjo!

D. LEOCÁDIA

O coração também era de anjo?

CAVALCANTE

Pode ser, mas de anjo mau.

D. LEOCÁDIA

Uma ingrata...

CAVALCANTE

Uma perversa!

D. LEOCÁDIA
Diabólica...

CAVALCANTE
Sem entranhas!

D. LEOCÁDIA
Vê que estou adivinhando. Console-se; uma criatura dessas não acha casamento.

CAVALCANTE
Já achou!

D. LEOCÁDIA
Já?

CAVALCANTE
Casou, minha senhora; teve a crueldade de casar com um primo.

D. LEOCÁDIA
Os primos quase que não nascem para outra coisa. Diga-me, não procurou esquecer o mal nas folias próprias de rapazes?

CAVALCANTE
Oh! não! Meu único prazer é pensar nela.

D. LEOCÁDIA
Desgraçado! Assim nunca há de sarar.

CAVALCANTE
Vou tratar de esquecê-la.

D. LEOCÁDIA
De que modo?

CAVALCANTE

De um modo velho, alguns dizem que já obsoleto e arcaico. Penso em fazer-me frade. Há de haver em algum recanto do mundo um claustro em que não penetre sol nem lua.

D. LEOCÁDIA

Que ilusão! Lá mesmo achará a sua namorada. Há de vê-la nas paredes da cela, no teto, no chão, nas folhas do breviário. O silêncio far-se-á boca da moça, a solidão será o seu corpo.

CAVALCANTE

Então estou perdido. Onde acharei paz e esquecimento?

D. LEOCÁDIA

Pode ser frade sem ficar no convento. No seu caso o remédio naturalmente indicado é ir pregar... na China, por exemplo. Vá pregar aos infiéis na China. Paredes de convento são mais perigosas que olhos de chinesas. Ande, vá pregar na China. No fim de dez anos está curado. Volte, meta-se no convento e não achará lá o diabo.

CAVALCANTE

Está certa que na China...

D. LEOCÁDIA

Certíssima.

CAVALCANTE

O seu remédio é muito amargo! Por que é que me não manda antes para o Egito? Também é país de infiéis.

D. LEOCÁDIA

Não serve; é a terra daquela rainha... Como se chama?

CAVALCANTE

Cleópatra? Morreu há tantos séculos!

D. LEOCÁDIA

Meu marido disse que era uma desmiolada.

CAVALCANTE

Seu marido era, talvez, um erudito. Minha senhora, não se aprende amor nos livros velhos, mas nos olhos bonitos; por isso, estou certo de que ele adorava a vossa excelência.

D. LEOCÁDIA

Ah! ah! Já o doente começa a adular o médico. Não, senhor, há de ir à China. Lá há mais livros velhos que olhos bonitos. Ou não tem confiança em mim?

CAVALCANTE

Oh! tenho; tenho. Mas ao doente é permitido fazer uma careta antes de engolir a pílula. Obedeço; vou para a China. Dez anos, não?

D. LEOCÁDIA (*levanta-se*)

Dez ou quinze, se quiser; mas antes dos quinze está curado.

CAVALCANTE

Vou.

D. LEOCÁDIA

Muito bem. A sua doença é tal que só com remédios fortes. Vá; dez anos passam depressa.

CAVALCANTE

Obrigado, minha senhora.

D. LEOCÁDIA

Até logo.

CAVALCANTE

Não, minha senhora, vou já.

D. LEOCÁDIA

Já para a China!

CAVALCANTE

Vou arranjar as malas e amanhã embarco para a Europa; vou a Roma, depois sigo imediatamente para a China... Até daqui a dez anos. (*Estende-lhe a mão*).

D. LEOCÁDIA

Fique ainda uns dias...

CAVALCANTE

Não posso.

D. LEOCÁDIA

Gosto de ver essa pressa; mas, enfim, pode esperar ainda uma semana.

CAVALCANTE

Não, não devo esperar. Quero ir às pílulas quanto antes; é preciso obedecer religiosamente ao médico.

D. LEOCÁDIA

Como eu gosto de ver um doente assim! O senhor tem fé no médico. O pior é que daqui a pouco, talvez, não se lembre dele.

CAVALCANTE

Oh! não! Hei de lembrar-me sempre, sempre!

D. LEOCÁDIA

No fim de dois anos escreva-me; informe-me sobre o seu estado e talvez eu o faça voltar. Mas, não minta, olhe lá; se já tiver esquecido a namorada, consentirei que volte.

CAVALCANTE

Obrigado. Vou ter com seu sobrinho e depois vou arranjar as malas.

D. LEOCÁDIA

Então não volta mais a esta casa?

CAVALCANTE

Virei daqui a pouco, uma visita de dez minutos, e depois desço, vou tomar passagem no paquete de amanhã.

D. LEOCÁDIA

Jante, ao menos, conosco.

CAVALCANTE

Janto na cidade.

D. LEOCÁDIA

Bem, adeus; guardemos o nosso segredo. Adeus, Dr. Cavalcante. Creia-me: o senhor merece estar doente. Há pessoas que adoecem sem merecimento nenhum; ao contrário, não merecem outra coisa mais que uma saúde de ferro. O senhor nasceu para adoecer; que obediência ao médico! que facilidade em engolir todas as nossas pílulas! Adeus!

CAVALCANTE

Adeus, D. Leocádia. (*Sai pelo fundo*).

CENA VIII

D. Leocádia, D. Adelaide.

D. LEOCÁDIA

Com dois anos de China está curado. (*Vendo entrar Adelaide*). O Dr. Cavalcante saiu agora mesmo. Ouviste o meu exame médico?

D. ADELAIDE

Não. Que lhe pareceu?

D. LEOCÁDIA

Cura-se.

D. ADELAIDE

De que modo?

D. LEOCÁDIA

Não posso dizer; é segredo profissional.

D. ADELAIDE

Em quantas semanas fica bom?

D. LEOCÁDIA

Em dez anos.

D. ADELAIDE

Misericórdia! Dez anos!

D. LEOCÁDIA

Talvez dois; é moço, e robusto, a natureza ajudará a medicina, conquanto esteja muito atacado. Aí vem teu marido.

CENA IX

Os mesmos, Magalhães.

MAGALHÃES (*a D. Leocádia*)

Cavalcante disse-me que vai embora; eu vim correndo saber o que é que lhe receitou.

D. LEOCÁDIA

Receitei-lhe um remédio enérgico, mas que há de salvá-lo. Não são consolações de cacaracá. Coitado! Sofre muito, está gravemente doente; mas, descansem, meus filhos, juro-lhes, à fé do meu grau, que hei de curá-lo. Tudo é que me obedeça, e este obedece. Oh! aquele crê em mim. E vocês, meus filhos? Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados? (*Sai pelo fundo*).

CENA X

Magalhães, D. Adelaide.

MAGALHÃES

Tinha vontade de saber o que é que ela lhe receitou.

D. ADELAIDE

Não falemos disso.

MAGALHÃES

Sabes o que foi?

D. ADELAIDE

Não; mas titia disse-me que a cura se fará em dez anos. (*Espanto de Magalhães*). Sim, dez anos; talvez dois, mas a cura certa é em dez anos.

MAGALHÃES (*atordoado*)

Dez anos!

D. ADELAIDE

Ou dois!

MAGALHÃES

Ou dois?

D. ADELAIDE

Ou dez.

MAGALHÃES

Dez anos! Mas é impossível! Quis brincar contigo. Ninguém leva dez anos a sarar; ou sara antes ou morre.

D. ADELAIDE

Talvez ela pense que a melhor cura é a morte.

MAGALHÃES

Talvez. Dez anos!

D. ADELAIDE
Ou dois; não esqueças.

MAGALHÃES
Sim, ou dois; dois anos é muito, mas, há casos... Vou ter com ele.

D. ADELAIDE
Se titia quis enganar a gente, não é bom que os estranhos saibam. Vamos falar com ela, talvez que, pedindo muito, ela diga a verdade. Não leves essa cara assustada; é preciso falar-lhe naturalmente, com indiferença.

MAGALHÃES
Pois vamos.

D. ADELAIDE
Pensando bem, é melhor que eu vá só; entre mulheres...

MAGALHÃES
Não; ela continuará a zombar de ti; vamos juntos, estou sobre brasas.

D. ADELAIDE
Vamos.

MAGALHÃES
Dez anos!

D. ADELAIDE
Ou dois.

(Saem pelo fundo).

CENA XI

D. CARLOTA (*entrando pela direita*)

Ninguém! Afinal foram-se! Esta casa anda hoje cheia de mistérios. Há um quarto de hora quis vir aqui, e prima Adelaide disse-me que não, que se tratavam aqui negócios graves. Pouco depois levantou-se e saiu; mas antes disso contou-me que mamãe é que quer que eu vá para a Grécia. A verdade é que todos me falam de Atenas, de ruínas, de danças gregas, de Acrópole... Creio que é Acrópole que se diz. (*Pega no livro que Magalhães estivera lendo, senta-se, abre e lê*). "Entre os provérbios gregos, há um muito fino: Não consultes medico; consulta alguém que tenha estado doente". Não sei que possa ser. (*Continua a ler em voz baixa*).

CENA XII

D. Carlota, Cavalcante.

CAVALCANTE (*ao fundo*)

D. Leocádia! (*Entra e fala de longe a Carlota, que está de costas*). Quando eu ia a sair, lembrei-me.

D. CARLOTA

Quem é? (*Levanta-se*). Ah! Doutor!

CAVALCANTE

Desculpe-me, vinha falar à senhora sua mãe para lhe pedir um favor.

D. CARLOTA

Vou chamá-la.

CAVALCANTE

Não se incomode; falar-lhe-ei logo. Saberá por acaso se a senhora sua mãe conhece algum cardeal em Roma?

D. CARLOTA

Não sei, não, senhor.

CAVALCANTE

Queria pedir-lhe uma carta de apresentação; voltarei mais tarde. (*Corteja, sai e para*). Ah! aproveito a ocasião para lhe perguntar, ainda uma vez, em que é que a ofendi?

D. CARLOTA

O senhor nunca me ofendeu.

CAVALCANTE

Certamente que não; mas ainda há pouco, falando-lhe de um tio meu, que morreu no Paraguai, tio João Pedro, capitão de engenharia...

D. CARLOTA (*atalhando*)

Por que é que o senhor quer ser apresentado a um cardeal?

CAVALCANTE

Bem respondido! Confesso que fui indiscreto com a minha pergunta. Já há de saber que eu tenho distrações repentinas, e quando não caio no ridículo, como hoje de manhã, caio na indiscrição. São segredos mais graves que os seus. É feliz, é bonita, pode contar com o futuro, enquanto que eu... Mas eu não quero aborrecê-la. O meu caso há de andar em romances. (*Indicando o livro que ela tem na mão*).

D. CARLOTA

Não é romance (*Dá-lhe o livro*).

CAVALCANTE

Não? (*Lê o título*). Como? Está estudando a Grécia?

D. CARLOTA

Estou.

CAVALCANTE

Vai para lá?

D. CARLOTA

Vou, com prima Adelaide.

CAVALCANTE

Viagem de recreio, ou vai tratar-se?

D. CARLOTA

Deixe-me ir chamar mamãe.

CAVALCANTE

Perdoe-me ainda uma vez; fui indiscreto, retiro-me. (*Dá alguns passos para sair*).

D. CARLOTA

Doutor! (*Cavalcante para*). Não se zangue comigo; sou um pouco tonta, o senhor é bom.

CAVALCANTE (*descendo*)

Não diga que sou bom; os infelizes são apenas infelizes. A bondade é toda sua. Há poucos dias que nos conhecemos e já nos zangamos, por minha causa. Não proteste; a causa é a minha moléstia.

D. CARLOTA

O senhor está doente?

CAVALCANTE

Mortalmente.

D. CARLOTA

Não diga isso!

CAVALCANTE

Ou gravemente, se preferir.

D. CARLOTA

Ainda é muito. E que moléstia é?

CAVALCANTE

Quanto ao nome, não há acordo: loucura, espírito romanesco e muitos outros. Alguns dizem que é amor. Olhe, está outra vez aborrecida comigo!

D. CARLOTA

Oh! não, não, não. (*Procurando rir*). É o contrário; estou até muito alegre. Diz-me então que está doente, louco...

CAVALCANTE

Louco de amor, é o que alguns dizem. Os autores divergem. Eu prefiro amor, por ser mais bonito, mas a moléstia, qualquer que seja a causa, é cruel e terrível. Não pode compreender este imbróglio; peça a Deus que a conserve nessa boa e feliz ignorância. Por que é que me está olhando assim? Quer talvez saber...

D. CARLOTA

Não, não quero saber nada.

CAVALCANTE

Não é crime ser curiosa.

D. CARLOTA

Seja ou não loucura, não quero ouvir histórias como a sua.

CAVALCANTE

Já sabe qual é?

D. CARLOTA

Não.

CAVALCANTE

Não tenho direito de interrogá-la; mas há já dez minutos que estamos neste gabinete falando de coisas bem esquisitas para duas pessoas que apenas se conhecem.

D. CARLOTA (*estendendo-lhe a mão*)

Até logo.

CAVALCANTE

A sua mão está fria. Não se vá ainda embora; hão de achá-la agitada. Sossegue um pouco, sente-se. (*Carlota senta-se*). Eu retiro-me.

D. CARLOTA

Passe bem.

CAVALCANTE

Até logo.

D. CARLOTA

Volta logo?

CAVALCANTE

Não, não volto mais; queria enganá-la.

D. CARLOTA

Enganar-me por quê?

CAVALCANTE

Porque já fui enganado uma vez. Ouça-me: são duas palavras. Eu gostava muito de uma moça que tinha a sua beleza, e ela casou com outro. Eis a minha moléstia.

D. CARLOTA (*erguendo-se*)

Como assim?

CAVALCANTE

É verdade; casou com outro.

D. CARLOTA (*indignada*)

Que ação vil!

CAVALCANTE

Não acha?

D. CARLOTA

E ela gostava do senhor?

CAVALCANTE

Aparentemente; mas, depois vi que eu não era mais que um passatempo.

D. CARLOTA (*animando-se aos poucos*)

Um passatempo! Fazia-lhe juramentos, dizia-lhe que o senhor era a sua única ambição, o seu verdadeiro Deus, parecia orgulhosa em contemplá-lo por horas infinitas, dizia-lhe tudo, tudo, umas coisas que pareciam cair do céu, e suspirava...

CAVALCANTE

Sim, suspirava, mas...

D. CARLOTA (*muito animada*)

Um dia abandonou-o, sem uma só palavra de saudade nem de consolação, fugiu e foi casar com uma viúva espanhola!

CAVALCANTE (*espantado*)

Uma viúva espanhola!

D. CARLOTA

Ah! tem muita razão em estar doente!

CAVALCANTE

Mas que viúva espanhola é essa de que me fala?

D. CARLOTA (*caindo em si*)

Eu falei-lhe de uma viúva espanhola?

CAVALCANTE

Falou.

D. CARLOTA

Foi engano... Adeus, Sr. Doutor.

CAVALCANTE

Espere um instante. Creio que me compreendeu. Falou com tal paixão que os médicos não têm. Oh! como eu execro os médicos! principalmente os que me mandam para a China.

D. CARLOTA

O senhor vai para a China?

CAVALCANTE

Vou; mas não diga nada! Foi sua mãe que me deu essa receita.

D. CARLOTA

A China é muito longe!

CAVALCANTE

Creio até que está fora do mundo.

D. CARLOTA

Tão longe por quê?

CAVALCANTE

Boa palavra essa. Sim, por que ir à China, se a gente pode sarar na Grécia? Dizem que a Grécia é muito eficaz para estas feridas; há quem afirme que não há melhor para as que são feitas pelos capitães de engenharia. Quanto tempo vai lá passar?

D. CARLOTA

Não sei. Um ano, talvez.

CAVALCANTE

Crê que eu possa sarar num ano?

D. CARLOTA

É possível.

CAVALCANTE

Talvez sejam precisos dois — dois ou três.

D. CARLOTA

Ou três.

CAVALCANTE

Quatro, cinco...

D. CARLOTA

Cinco, seis...

CAVALCANTE

Depende menos do país que da doença.

D. CARLOTA

Ou do doente.

CAVALCANTE

Ou do doente. Já a passagem do mar pode ser que me faça bem. A minha moléstia casou com um primo. A sua (perdoe esta outra indiscrição; é a última), a sua casou com a viúva espanhola. As espanholas, mormente viúvas, são detestáveis. Mas, diga-me uma coisa: se uma pessoa já está curada, que é que vai fazer à Grécia!

D. CARLOTA

Convalescer, naturalmente. O senhor, como ainda está doente, vai para a China.

CAVALCANTE

Tem razão. Entretanto, começo a ter medo de morrer... Pensou alguma vez na morte?

D. CARLOTA

Pensa-se nela, mas lá vem um dia em que a gente aceita a vida, seja como for.

CAVALCANTE

Vejo que sabe muita coisa...

D. CARLOTA

Não sei nada; sou uma tagarela, que o senhor obrigou a dar por paus e por pedras; mas, como é a última vez que nos vemos, não importa. Agora, passe bem.

CAVALCANTE

Adeus, D. Carlota!

D. CARLOTA

Adeus, doutor!

CAVALCANTE

Adeus. (*Dá um passo para a porta do fundo*). Talvez eu vá a Atenas; não fuja se me vir vestido de frade.

D. CARLOTA (*indo a ele*)

De frade? O senhor vai ser frade?

CAVALCANTE

Frade. Sua mãe aprova-me, contanto que eu vá à China. Parece-lhe que devo obedecer a esta vocação, ainda depois de perdida?

D. CARLOTA

É difícil obedecer a uma vocação perdida.

CAVALCANTE

Talvez nem a tivesse, e ninguém se deu ao trabalho de me dissuadir. Foi aqui, a seu lado, que comecei a mudar. A sua voz sai de um coração que padeceu também, e sabe falar a quem padece. Olhe, julgue-me doido, se quiser, mas eu vou pedir-lhe um favor: conceda-me que a ame. (*Carlota, perturbada, volta o rosto*). Não lhe peço que me ame, mas que se deixe amar; é um modo de ser grato. Se fosse uma santa, não podia impedir que lhe acendesse uma vela.

D. CARLOTA

Não falemos mais nisto e separemo-nos.

CAVALCANTE

A sua voz treme; olhe para mim...

D. CARLOTA

Adeus; aí vem mamãe.

CENA XIII

Os mesmos, D. Leocádia.

D. LEOCÁDIA

Que é isto, doutor? Então o senhor quer só um ano de China? Vieram pedir-me que reduzisse a sua ausência.

CAVALCANTE

D. Carlota lhe dirá o que eu desejo.

D. CARLOTA

O doutor vem saber se mamãe conhece algum cardeal em Roma.

CAVALCANTE

A princípio era um cardeal; agora basta um vigário.

D. LEOCÁDIA

Um vigário? Para quê?

CAVALCANTE

Não posso dizer.

D. LEOCÁDIA (*a Carlota*)

Deixa-nos sós, Carlota; o doutor quer fazer-me uma confidência.

CAVALCANTE

Não, não, ao contrário. D. Carlota pode ficar. O que eu quero dizer é que um vigário basta para casar.

D. LEOCÁDIA
Casar a quem?

CAVALCANTE
Não é já, falta-me ainda a noiva.

D. LEOCÁDIA
Mas quem é que me está falando?

CAVALCANTE
Sou eu, D. Leocádia.

D. LEOCÁDIA
O senhor! o senhor! o senhor!

CAVALCANTE
Eu mesmo. Pedi licença a alguém...

D. LEOCÁDIA
Para casar?

CENA XIV

Os mesmos, Magalhães, D. Adelaide.

MAGALHÃES
Consentiu, titia?

D. LEOCÁDIA
Em reduzir a China a ano? Mas ele agora quer a vida inteira.

MAGALHÃES
Estás doido?

D. LEOCÁDIA

Sim, a vida inteira, mas é para casar. (*D. Carlota fala baixo a D. Adelaide*). Você entende, Magalhães?

CAVALCANTE

Eu, que devia entender, não entendo.

D. ADELAIDE (*que ouviu D. Carlota*)

Entendo eu. O Dr. Cavalcante contou as suas tristezas a Carlota, e Carlota, meia curada do seu próprio mal, expôs sem querer o que tinha sentido. Entenderam-se e casam-se.

D. LEOCÁDIA (*a Carlota*)

Deveras? (*D. Carlota baixa os olhos*). Bem; como é para saúde dos dois, concedo; são mais duas curas!

MAGALHÃES

Perdão; estas fizeram-se pela receita de um provérbio grego que está aqui neste livro. (*Abre o livro*) "Não consulte médico; consulta alguém que tenha estado doente".



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com